

A FEIRA LIVRE DE BIRITINGA-BAHIA: RELAÇÕES CAMPO-CIDADE, SABERES E PRÁTICAS

Jussara Fraga Portugal¹
José Marcos Silva Ribeiro²
Felipe da Fonseca Souza³

RESUMO

Este trabalho encontra-se vinculado ao grupo de pesquisa Geografia, Diversas Linguagens e Narrativas de Professores (Geo(bio)grafar) e ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais (Proet) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), cuja escrita emerge como uma ação do projeto de pesquisa Geo(grafias) em múltiplos contextos territoriais: identidades, memórias e narrativas. A intenção foi analisar os modos como as relações campo-cidade podem se expressar mediante a dinâmica que circunda e constitui a feira livre. Dessa maneira, as práticas que permeiam o acontecer da feira livre da pequena cidade de Biritinga, no semiárido baiano, que ocorrem semanalmente às quartas-feiras no núcleo urbano central, parecem-nos salutar para empreender uma investigação sobre os modos como seis feirantes, moradoras do espaço rural, ressignificam aprendizagens adquiridas nas suas trajetórias de vida para produzir alimentos identitários no campo e comercializar na cidade. A ênfase deste trabalho recaí sobre a interpretação e análise de narrativas de uma mulher-camponesa-feirante sobre os modos como concebe, produz e comercializa os alimentos preparados em uma comunidade rural e, também, analisar como a feira livre expressa as relações de imbricação existentes entre o rural e o urbano, uma vez que a feirante, colaboradora participante dessa investigação se desloca do seu contexto de vida para a cidade em busca de vender suas iguarias (beijus, goma de mandioca, massa de aipim, pé de moleque, massa e o mingau de puba, além dos alimentos hortifrutigranjeiros). Esses episódios revelam a pluralidade de acontecimentos, socialização de saberes, trocas de informações, comercialização de mercadorias e fluxos de pessoas constituintes da dinâmica das feiras livres no Brasil.

Palavras-chave: Feira livre, Mulheres feirantes, Saberes-fazeres, Relações campo-cidade, Ruralidades.

ABSTRACT

This work is linked to the research group Geography, Several Languages and Narratives of Teachers (Geo(bio)grafar) and the Graduate Program in Territorial Studies (Proet) of the State University of Bahia (UNEB) whose writing emerges as an action of the research project Geo (spellings) in multiple territorial contexts: identities, memories and narratives. The intention was to analyze the ways in which the field-city relations can be expressed through the dynamics that surrounds and constitutes the free fair. Thus,

¹ Professora titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) / Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais (Proet). Líder do grupo de pesquisa Geo(bio)grafar: Geografia, Diversas Linguagens e Narrativas de Professores, jportugal@uneb.br / jfragaportugal@yahoo.com.br.

² Licenciado em Geografia, especialista em Ensino de Geografia, mestre em Estudos Territoriais e professor da Educação Básica no município de Biritinga (BA) / jmsribeiro08@gmail.com.

³ Licenciado em Geografia, mestre em Ensino de Ciências Ambientais e doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Atualmente, é professor da Secretária de Educação da Bahia (SEC-BA) e da Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe (Seduc-SE) / felipeffs12@gmail.com.

the practices that permeate the happening of the fair of the small town of Biritinga, in the semiarid region of Bahia, which occur weekly on Wednesdays in the central urban center, seem to us healthy to undertake an investigation on the ways learning acquired in their life trajectories to produce identity foods in the field and market in the city. The emphasis of this work falls on the interpretation and analysis of narratives of a woman-peasant-marketer on the ways in which she conceives, produces and markets the food prepared in a rural community and also, to analyze how the free fair expresses the relationships of imbrication between the rural and the urban, since the marketer, a participant collaborator of this investigation moves from its context of life to the city in search of selling its delicacies (beijus, cassava gum, cassava pasta, moleque foot, pasta and puba porridge, in addition to fresh foods). These episodes reveal the plurality of events, socialization of knowledge, exchange of information, marketing of goods and flows of people constituting the dynamics of free markets in Brazil.

Keywords: Fair, Women fairs, Knowledge-to-do, Relations field-city, Ruralidades.

“NA BARRACA DE DONA MARIA É TUDO MAIS GOSTOSO!”: APRECIÇÕES PRELIMINARES

Este trabalho decorrente da pesquisa “Feira livre de Biritinga-Bahia: relações campo-cidade, experiências espaciais e práticas culturais”, cujo objetivo é buscar compreender os modos como as relações campo-cidade podem se expressar mediante a dinâmica que circunda e constitui a feira livre em uma cidade pequena, é uma ação do Grupo de pesquisa Geografia, Diversas Linguagens e Narrativas de Professores (Geo(bio)grafar), compõe a pesquisa âncora “Geo(grafias) em múltiplos contextos territoriais: identidades, memórias e narrativas”⁴, a qual encontra-se vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais (Proet) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Conforme destacam Lima e Sampaio (2009, p. 2), as feiras livres são concebidas “[...] como fenômenos econômicos e sociais muito antigos tendo sido consolidados na Idade Média entre Gregos e Romanos”. Na contemporaneidade, as feiras livres se apresentam como uma

⁴ Esta pesquisa demarca um objeto instituído pela relação de uma tríade que entrelaça memórias – individuais, coletivas e subterrâneas ou marginais –, expressões identitárias e narrativas sobre acontecimentos, vivências, experiências que compõem as histórias vividas por grupos diversos de sujeitos sociais em múltiplos contextos geográficos, evidenciando acervos experienciais, os quais comportam o repertório de vivências e as experiências que compõem o mosaico de memórias e de histórias narradas pelos colaboradores da pesquisa em seus contextos de vida. A intenção é compreender, a partir das memórias evocadas e narradas, as percepções do/sobre o vivido (experiências) de diferentes sujeitos sociais nos seus percursos de vida-formação-profissão, e as práticas cotidianas nos lugares onde a vida acontece. O objetivo primordial é dar visibilidade às memórias e histórias de sujeitos sociais que habitam múltiplos contextos territoriais e narram sobre a sua identidade, tecida por meio das suas práticas cotidianas, os seus saberes, as vivências e experiências com/nos lugares.

manifestação comum aos espaços, sobretudo urbanos, das pequenas, médias ou grandes cidades, cujas práticas que nelas se materializam podem revelar os elos existentes entre o campo e a cidade. Segundo Ferreira (2021, p. 75), a feira livre “[...] também revela as diferentes estratégias de (con)vivência a partir dos anseios individuais e coletivos, o que leva a compreender este lugar como resultado das relações sociais; mais que isso, o leva a compreendê-lo como repositório de sentimentos, emoções, saberes e memórias”.

Assim, a pluralidade de acontecimentos, trocas de informações, mercadorias e fluxos de pessoas demarca as especificidades existentes nas feiras livres de cada lugar, revelando que essa manifestação não é somente “[...] espaço de troca, mas também espaço de sociabilidade” (Alves, 2005, p. 155). É nesse sentido que a feira livre se desdobra como “[...] um tipo particular de mercado periódico. Tem como agentes comerciantes, produtores rurais, artesãos e consumidores, sendo eminentemente espontânea” (Corrêa, 2001, p. 113).

As práticas que permeiam o acontecer da feira livre da pequena cidade de Biritinga, no semiárido baiano, que ocorre semanalmente às quartas-feiras no núcleo urbano central, parecem-nos salutar para intentar compreender os modos como seis feirantes, moradoras do espaço rural, ressignificam aprendizagens adquiridas nas suas trajetórias de vida para produzir iguarias no campo e comercializar na cidade.

Contudo, torna-se pertinente destacar que a ênfase neste texto recaí sobre a análise interpretativa-compreensiva das narrativas orais de uma das seis colaboradoras desta investigação, as quais comportam histórias de uma mulher-camponesa-feirante que atua na feira livre de Biritinga.

Nesse processo de geo(bio)grafização (Portugal, 2013), emerge das narrativas, recolhidas mediante a realização da entrevista narrativa, a compreensão da feira livre como um lugar que está para além das trocas comerciais já que congrega, também, “[...] sentimentos, significados e hábitos engendrados no ‘bate-papo e na conversa-fiada’ entre aqueles que a frequentam. Um sentir comum, quase festivo, é compartilhado” (Gonçalves; Abdala, 2013, p. 2).

Partindo dessas considerações iniciais, nos propomos a analisar como as relações campo-cidade são materializadas no devir do acontecer da feira livre da já mencionada pequena cidade de Biritinga, lócus empírico que vivifica o enredo desta escrita, a qual coloca em cena os saberes e práticas que foram revelados por meio de narrativas orais, escutadas, textualizadas, transcritas e, posteriormente, articuladas ao aporte teórico-metodológico que consubstancia as

reflexões que emergem junto dos registros fotográficos capturados durante a realização da pesquisa de campo.

PERCURSOS METODOLÓGICOS: OS CAMINHOS DA PESQUISA

Do ponto de vista metodológico, este ensaio tomou a entrevista narrativa como fonte de recolha para a apreensão de questões/informações de interesse, assentadas na concepção de que “[...] nunca existiu em nenhum lugar, um povo sem narrativa” (Barthes, 1993, p. 253). Assim, ao fazermos a escolha por essa técnica como um dos procedimentos metodológicos da mencionada pesquisa, buscamos “[...] assumir, como compromisso, ouvir, registrar e interpretar os repertórios das histórias narradas, cujos enredos são definidos pelo narrador, sem a intervenção do entrevistador [...]” (Portugal, 2013, p. 101).

Nessa perspectiva, ao empreender o uso da entrevista narrativa como dispositivo de pesquisa, recolhemos uma “geo(BIO)grafização”⁵ (Portugal, 2013) da história de vida de seis mulheres que vivem em contextos rurais e experienciam, semanalmente, a feira livre de Biritinga (BA), na condição de feirantes, mas para a escrita deste texto nos apropriamos dos excertos narrativos de apenas uma mulher-feirante, cujo compartilhamento das memórias e histórias evocadas possibilitaram a tessitura das análises aqui traçadas.

Assim, a partir da mobilização e acionamento de memórias, os enredos narrados revelaram experiências espaciais singulares dos/nos seus lugares de vivência, saberes e fazeres da vida do/no campo e, as aprendizagens e manutenção de hábitos adquiridos ao longo de sua trajetória de vida que se desdobra nas mercadorias comercializadas na feira livre como reexistência.

A entrevista narrativa que compõe o *corpus* empírico da pesquisa foi realizada em um dia de feira livre cuja duração foi de 1h e 50 min. Ao explicarmos nossas intenções com a realização deste trabalho, a feirante Arlete recebeu com entusiasmo o convite para ser uma das colaboradoras, desvelando histórias e revelando saberes e fazeres que constituem as tessituras do seu ser: mulher-camponesa-feirante.

⁵ “[...] é o modo singular, particular de historicizar as experiências e as vivências pessoais, formativas e profissionais a partir da apropriação dos lugares onde a vida e as histórias são narradas” (Portugal, 2013, p. 230).

FEIRA LIVRE, RELAÇÕES CAMPO-CIDADE E RURALIDADES: CONTEXTUALIZAÇÕES

As diversidades que emergem na dinâmica das feiras livres no Brasil se constituem como possibilidades de fecundas análises e investigações acadêmicas. Entre as múltiplas perspectivas que podem ser contempladas nas pesquisas, podemos destacar: produção do espaço; (trans)formações socioespaciais nas cidades; resiliências camponesas; promoção da segurança alimentar e nutricional; territorialidades dos feirantes e suas histórias de vida; saberes e fazeres, produção e comercialização de alimentos identitários; e a feira livre na imbricação campo e cidade, dentre outras questões. Conforme apontam Queiroz e Menezes (2021, p. 71), “[...] a sobrevivência da feira livre reside no fato, entre outros, de que não é apenas um local de comercialização, mas de múltiplas trocas [...]”.

Dada a importância dessa prática para a dinâmica econômica, social e cultural de diferentes contextos e realidades espaciais, a feira livre é uma ação mundial cuja existência não é recente, seu surgimento é datado ainda no século IX, mais especificamente na Europa. No caso do Brasil, essa ação começou a ser experienciada depois da colonização portuguesa por intervenção do Rei Dom João III.

Assim, no contexto mundial e brasileiro, “[...] as feiras surgiam junto às primeiras aglomerações, inicialmente tidas como povoados e vilas e posteriormente cidades” (Gonçalves; Abdala, 2013, p. 1). Logo, estas ainda nos dias atuais tendem a acontecer comumente no espaço urbano e possuem geralmente uma dinâmica comum: um espaço fixo e amplo para sua realização, recebem feirantes de diferentes idades e lugares, os quais chegam muito cedo no local para montagem de suas barracas. Tais feirantes estabelecem suas territorialidades, pois são encontrados semanalmente em uma mesma porção do espaço delimitado para realização da feira, é um espaço marcado por aromas, cores, sons e fluxo intenso de pessoas.

Não é de se estranhar que todos esses acontecimentos constituam a dinâmica da feira livre, tendo em vista que, etimologicamente, a palavra “feira” é concebida como “[...] – ‘dia de festa’ – e é comumente utilizada para designar um lugar público, muitas vezes descoberto, onde se expõem e vendem-se mercadorias” (Dantas, 2007, p. 24). Com isso, observa-se que os feirantes organizam seus produtos de um modo sistemático, o que reverbera de maneira positiva na estética da barraca e funciona como um atrativo para a clientela que fica em contato direto com a mercadoria exposta, conforme registrado na Figura 1.



Figura 1 – Barraca de hortaliças na feira livre de Biritinga (BA)
Fonte: arquivo pessoal dos autores.

Ainda que predominantemente ocorram nas cidades, a feira livre é um espaço pujante de manifestações das ruralidades tendo em vista que a comercialização de alimentos rurais e/ou identitários no espaço urbano se constitui como ruralidades encontradas no espaço da feira livre e expressam as relações de imbricação existentes entre o campo e a cidade, uma vez que as feirantes se deslocam dos seus contextos de vida em comunidades rurais para a cidade com o propósito de vender suas iguarias, produzidas no campo.

Vale considerar que “[...] o dia de feira é o momento dos pequenos agricultores da redondeza trazerem os seus produtos para serem comercializados e se abastecem de outros gêneros” (Maia, 2000, p. 295-296), revelando que a feira livre estabelece elos complementares entre o campo e a cidade na medida em que as trocas de produtos e serviços acontecem para os sujeitos que estão presentes em ambos os espaços.

Alves (2023, p. 101) salienta que a ruralidade enquanto prática social se manifesta na dimensão cultural “[...] pelo alimento e as formas de fazer, as festividades relacionadas a produção agropecuária e religiosidade, presença de feiras livres, cotidiano do lugar, paisagem e o espaço rural, simbolismo na paisagem, migrações rural-urbana entre outros”. À medida que



diferentes práticas, sociabilidades e vivências são compartilhadas e singularizadas através dos modos como os sujeitos expressam suas maneiras de “ser-no-mundo” (Heidegger, 2002), a ruralidade vai despontando uma multidimensionalidade na forma de insurgir. Portanto, há de se considerar, na análise acerca das ruralidades na cidade, os espaço-tempo-sujeitos envolvidos.



Figura 2 – Diversas comercializações na feira livre de Biritinga (BA)

Fonte: arquivo pessoal dos autores.

Conforme evidenciando nas Figuras 1 e 2, as feirantes costumam realizar, em uma espécie de trabalho organizacional, a separação dos alimentos por categorias cujos critérios são os tipos, tamanhos e cores. Esse processo ocorre logo após a montagem da estrutura da barraca garantindo que, quando os primeiros clientes comecem a chegar para “fazer a feira”, tudo já esteja devidamente pronto. As figuras retratam a presença de frutas, verduras e legumes, os quais são plantados e colhidos pelas feirantes-camponesas nas suas pequenas propriedades rurais. Os alimentos hortifrutigranjeiros, como ovos de galinha caipira e da Angola, hortaliças, castanhas de caju torradas; e os derivados da mandioca, como os beijus, a goma, pé de moleque, massa e mingau de puba, bolacha de goma (broinha) também ganham espaço nas barracas, esses últimos são produzidos em casas de farinha como uma “tática de resistência” (Certeau, 1994), tendo em vista que o saber-fazer nesse processo resiste muitas vezes à introdução de técnicas

advindas do processo de modernização e mecanização da agricultura, conservando os modos tradicionais do/no preparo desses alimentos identitários.

A própria feira livre tem esse caráter de resistência uma vez que enfrenta frequentemente “[...] pressões políticas e econômicas que buscam o desaparecimento ou a resignificação dela” (Queiroz; Menezes, 2021, p. 70) para atendimento das ditaduras do sistema capitalista que se apropria do discurso da (re)qualificação, limpeza e embelezamento do espaço urbano das cidades, sobretudo em áreas mais centrais impondo uma segregação da feira, dos feirantes e dos consumidores fregueses.

Nesse sentido, as feiras livres são dotadas de resiliências, resistências e enfrentamentos frente às transformações pelas quais campo e cidade são subordinados constantemente pela lógica do capital perverso que busca alteração das estruturas sociais, econômicas e culturais. Desse modo, a sua sobrevivência está diretamente ligada ao fato de que esse espaço “[...] não é apenas um local de comercialização, mas de múltiplas trocas” (Queiroz; Menezes, 2021, p. 71). São trocas de diálogos, de afetos, de informações e indicações. São estabelecidas relações de confiança, de proximidade e redes de apoio.

O ato de comprar, tomar o mingau de tapioca na própria feira e compartilhar em sua rede social (Figura 3) indica uma relação de confiabilidade entre o cliente e a feirante-produtora, além de reafirmar mais uma vez que a feira não é somente um lugar marcado pela dualidade da compra-venda, uma vez que “consumir alimentos preparados, cozidos na feira diante da freguesia, atesta a relação de confiança dos consumidores para com os produtores, legitimando a oferta desses alimentos tradicionais” (Menezes; Santos; Cruz, 2019, p. 94).

Para além de espaço comercial, as feiras conformam um “[...] lugar do encontro, da troca, da vivência coletiva. Nestes lugares de realização da vida, os diferentes grupos sociais trabalham, consomem, realizam formas culturais e vivenciam os limites do exercício da escassa cidadania” (Mascarenhas; Dolzani, 2008, p. 73). Além disso, constituem territórios marcados por um misto de signos e significados, da diversidade de ações e atividades, e das mais variadas funções, que se transformam a partir do momento em que as barracas começam a ser montadas e que as pessoas passam a circular.



Figura 3 – Postagem em rede social de cliente na feira livre
Fonte: arquivo pessoal dos autores.

Menezes (2021), ao analisar o processo de crescimento das feiras no estado de Sergipe, enfatiza que a população migrante do campo para a cidade procurava manter os hábitos e a coexistência de atividades até então comuns e consideradas identitárias. No espaço urbano, essas relações podem ser encontradas nas feiras, reafirmando a multiplicidade de relações e agentes imbrincados nesse lugar (a feira).

Nesse sentido, a feira livre constitui-se como momento em que ocorre “[...] a troca entre a produção do campo e da cidade de forma direta, na qual aqueles que produzem no campo se dirigem para a cidade comercializam sua produção, além de adquirir produtos oriundos da cidade” (Lima, 2012, p. 87). O que caracteriza um mercado alternativo no qual a proximidade e as relações de identidade e encontro de saberes são considerados no momento da aquisição. De acordo com Preiss e Schneider (2020), os mercados alternativos e a agricultura familiar são primordiais para a segurança alimentar e nutricional, tornando essencial, por um lado, que esses

sejam mais bem compreendidos e analisados, por outro lado, que sejam fortalecidos e ampliados afinal, são esses sistemas agrícolas os responsáveis pela disponibilidade de alimentos nutritivos, produzidos de forma sustentável e culturalmente adequados, que podem incentivar dietas saudáveis.

Assim, a feira expressa a relação de resiliência e complementariedade existentes entre campo e cidade em decorrência das suas trocas, seja na comercialização de produtos, na geração de renda, na manutenção e reexistência de hábitos e costumes ou na sociabilidade e encontros dos sujeitos nesse lugar marcado pelos diálogos, sons, cores, cheiros, sabores, saberes, culturas e partilhas.

NARRATIVAS, SABERES E PRÁTICAS DE UMA MULHER-CAMPONESA-FEIRANTE: PREPARAR, SER E FAZER A FEIRA

De acordo as nossas identificações teórico-metodológicas, este trabalho está ancorado no método (auto)biográfico com inspirações na Geografia Humanista de base fenomenológica, intencionando compreender as maneiras de ser e estar no mundo de mulheres-camponesas-feirantes. Com isso, acionamos a utilização da entrevista narrativa como dispositivo de recolha de dados por acreditar que ela faz emergir “[...] uma voz que testemunha algo que só o sujeito conhece” (Arfuch, 2010, p. 72).

Ao assumir essa técnica na realização de uma pesquisa, Portugal (2013, p. 101) sinaliza que:

[...] o entrevistador, na primeira etapa do processo, desempenha a função de ouvinte atento com poder de sedução para convidar o colaborador a contar a sua história que retrata questões vinculadas ao objeto da pesquisa, sempre encorajando a definir a sua narrativa com começo, meio e fim.

Dessa maneira, é necessário uma escuta atenta e sensível no momento em que a participante da pesquisa compartilha dados/informações, sem a intervenção/inferências do pesquisador, pois o protagonismo deve ser do sujeito que partilha suas histórias e memórias sobre o que foi e é vivido, sentido e experienciado ao longo da vida. Assim sendo:

A intervenção do entrevistador, com questionamentos, só poderá acontecer após o encerramento da sessão da entrevista, questionando, indagando, enfim, realizando perguntas chamadas imanentes, cujo objetivo é completar as lacunas que o entrevistador identificar nas histórias contadas pelo narrador-colaborador (Portugal, 2013, p. 102).

As perguntas consideradas imanentes são feitas, quando necessário, ao final da entrevista narrativa nos casos em que questões emergem, mas ficam nas entrelinhas, nos

emaranhados do narrado pelo colaborador por alguma razão que gera, inicialmente, este entrave de trazer os fatos em sua totalidade à tona.

Durante a pesquisa de campo, propomo-nos a vivenciar a feira livre da cidade de Biritinga, intencionando conhecer sua dinâmica, identificar os alimentos identitários do sertão nordestino que são comercializados, perceber as imbricações campo-cidade mediante os produtos vendidos na feira, as aquisições de produtos citadinos feitas pelas feirantes-camponesas, conhecer suas histórias de vida permeadas por resiliências e os modos como ressignificam aprendizagens construídas ao longo da vida para o saber-fazer de suas iguarias, enfim, buscamos sentir e conhecer o acontecer dessa feira livre, observando, conversando e registrando por meio de capturas fotográficas.

Com isso, ressaltamos que:

A tomada das fotografias enquanto dispositivo metodológico possibilita ao pesquisador registrar o dia a dia dos sujeitos inseridos na dobra do tempo-espço do cenário investigado, materializando os repertórios de vivências, dos conteúdos que compõem as ações experienciadas e evocadas no vai e vem cotidiano (Portugal; Ribeiro; Oliveira, 2023, p. 199).

Logo, a utilização das fotografias articuladas à escrita textual e ao narrado pela feirante potencializam a sistematização das informações que compõem os episódios decorrentes da geo(bio)grafização (Portugal, 2013) da sua história de vida, dos seus saberes e fazeres, das suas estratégias para vivenciar a feira mediante sua condição de mulher-camponensa-feirante.

Antes de acionar o gravador, tivemos uma conversa que orientou/direcionou previamente a colaboradora sobre as questões que nos interessavam saber a partir dos objetivos delineados na pesquisa, assim, a colaboradora foi transportada a revisitar memórias e selecionar o que ela desejava compartilhar.

Uma das dimensões temáticas selecionadas para compor o roteiro da entrevista comporta os elementos identitários/biográficos, conforme denota o excerto narrativo a seguir:

Meu nome é Arlete da Silva Batista Ribeiro, tenho 45 anos, sou casada, tenho dois filhos, comecei a vender na feira livre de Biritinga (BA) no período da pandemia, em 2020, por conta das dificuldades financeiras que eu passei, enfrentei muitas! Daí eu vi na feira uma oportunidade de geração de renda a partir da venda do que eu planto e colho na minha pequena propriedade. Antes da pandemia, eu vendia aos sábados na feira livre de Serrinha (BA), que fica a 21km da cidade de Biritinga (BA). Eu moro na comunidade de Coqueiro, que fica a 6km da sede, então eu fazia semanalmente um percurso de, em média, 27km. A ida para Serrinha (BA) era por conta da dinâmica da feira de lá... Lá a gente tinha uma clientela maior, a feira de Serrinha (BA) recebe gente das cidades circunvizinhas, então, o movimento lá é grande. Com a questão do isolamento social, a entrada na cidade foi fechada e nós ficamos sem ter como fazer nosso ganha pão, foi um período muito difícil (Feirante Arlete, entrevista narrativa, 2023).

A feirante Arlete contempla no primeiro excerto narrativo uma apresentação preliminar, sinalizando sua condição de moradora do espaço rural do município de Biritinga (BA). Nesse município, ela começa a vivenciar a feira livre na cidade como feirante no período da pandemia da covid-19, tendo em vista que ficou impossibilitada de adentrar na cidade de Serrinha (BA) mediante as medidas tomadas pela prefeitura local para evitar o contágio e disseminação do vírus.

Serrinha, por ser considerada a cidade polo do Território do Sisal, comporta um maior dinamismo na oferta de diferentes serviços, o que acaba por atrair a população das cidades pequenas do seu entorno para resolução de suas atividades cotidianas já que, nos pequenos centros, onde vive, essa população encontra o necessário para atender às suas demandas mais imediatas.

Ao rememorar esse período difícil, a feirante se emociona, mas logo retoma sua narrativa e reitera:

Eu sou nascida e criada na roça, então, desde pequena eu aprendi ajudando a minha mãe na lida do trabalho rural, a desenvolver diferentes atividades: limpar, adubar, preparar a terra, cuidar das plantações e produzir especiarias a partir delas. Para quem vive na roça e não tem muitas oportunidades, é do chão que vem o que nos sustenta, é o trabalho diário e árduo que garante a comida na mesa. Foi assim comigo durante muito tempo, eu cresci trabalhando (Feirante Arlete, Entrevista narrativa, 2023).

O paralelo que a feirante Arlete faz com o período atípico vivenciado durante a pandemia da covid-19 e a sua infância na lida da roça, cuja memória evocada destaca que o aprendizado e a execução de tarefas começaram muito cedo, demonstra, também, que o campo abrange a existência de um movimento de trabalho coletivo, constituído pela partilha de conhecimentos e saberes, de dupla finalidade, tendo em vista que, no devir do “[...] trabalho camponês, uma parte da produção agrícola entra no consumo direto do produtor, do camponês, como meio de subsistência imediata, e a outra parte, o excedente, sob a forma de mercadoria, é comercializada” (Oliveira, 2007, p. 40).

Com isso, Arlete evidencia na sua narrativa que aprendeu com a sua família a criar estratégias para sobreviver diante das dificuldades financeiras encontradas ao longo da sua trajetória de vida. As situações experienciadas no trabalho na roça, na infância e adolescência, com seus pais e, na vida adulta, junto com seu marido, possibilitaram criar modos de saber-fazer diferentes alimentos que hoje lhe garantem uma clientela fiel e a produção de renda.



Sobre a aprendizagem do preparo dos alimentos que comercializa na feira livre, ela narrou:

A maioria dos alimentos que eu vendo eu aprendi a fazer cedo, ainda criança. Outras coisas eu fui aprendendo ao ver minha sogra na labuta na casa de farinha. Ela também foi feirante e muito do que vendo hoje era o que ela vendia: o beiju de goma mesmo eu não sabia fazer e aprendi com ela [...] tem que ter um jogo de cintura entre colocar a goma no forno, virar o beiju de lado e saber o ponto certo para não sair antes da hora ou deixar queimar. Eu vendo pé de moleque, puba, castanhas de caju torradas, beiju de goma, goma de mandioca fresca e seca, tamarindo, maracujá, mangaba e outras frutas a depender da safra e período do ano. Eu tenho muitos clientes fiéis, graças a Deus. Daqueles que toda quarta passam na barraquinha para procurar coisas específicas, eu já sei mais ou menos o que tenho que levar porque determinado cliente vai me procurar. Puba, pé de moleque e goma não podem faltar. Toda as quartas eu tenho que levar porque eu sei que vou vender (Feirante Arlete, entrevista narrativa, 2023).

Na rotina do trabalho da roça, Arlete, ao longo da semana, vai preparando o que deve levar para compor sua barraca na feira livre que ocorre semanalmente às quartas-feiras. Ela coloca a raiz da mandioca de molho na água em um pote de barro para poder preparar a massa de puba e os bolos embrulhados na folha da banana (pé de moleque), estes demandam certa antecedência pois o processo é mais demorado. Também colhe os frutos das árvores frutíferas e recolhe os ovos de galinhas caipira que ela cria no seu quintal.



Figura 4 – Arlete em dia de feira
Fonte: arquivo pessoal dos autores.

Ao final de sua narrativa, Arlete reflete com satisfação:

Com a venda das coisinhas que eu trago para a feira, o dinheiro que faço eu já compro as coisas que preciso para dentro de casa. O que estiver faltando já levo. Saio da barraca direto para o supermercado. Eu amo vender na feira. É trabalhoso e cansativo, mas eu sinto como se fosse uma terapia. Meu marido é também um pequeno produtor, mas no ano de 2017 ele sofreu uma queda do alto de um tamarineiro, quando me ajudava a tirar as vagens para vender na feira. Esse acidente o hospitalizou por um tempo e, depois dele, meu marido ficou impossibilitado de trabalhar na roça, somente depois de seis anos e de muita luta na justiça que a ele foi concedido o benefício da aposentadoria. Esse acontecimento triste fez com que durante muito tempo a renda da feira mais o auxílio do bolsa família fossem as únicas rendas da casa, o que nos sustentava mesmo. Eu sou muito grata à feira porque foi daqui, do dinheiro suado que eu faço aqui, que durante muito tempo eu fiz o dinheiro que sustentava a casa. Eu gosto de preparar as coisas, de montar minha barraca, encontrar meus clientes, encontrar e prostrar com as minhas amigas feirantes, algumas delas são daqui da comunidade, a gente vai e volta para a feira juntas, se ajudando e resenhando. É muito bom! (Feirante Arlete, entrevista narrativa, 2023).

Nesse excerto, a feirante Arlete, ao narrar sobre episódios que marcaram a sua vida, sinaliza que o trabalho laboral que precisa fazer para estar semanalmente na feira é cansativo, mas ela concebe a feira como um espaço de trocas singulares, de sociabilidades, terapêutico. Menciona que gosta do que faz, de preparar os alimentos e ir ao encontro dos seus fregueses, de dialogar com as suas companheiras de ofício. Sobre a renda garantida com o seu trabalho, duas questões sobressaem, a saber: um dia já foi a renda principal dela e da sua família. Atualmente, configura-se como renda complementar.

APRECIÇÕES FINAIS

As feiras livres e os sujeitos que as vivenciam e as fazem acontecer têm se constituído cada vez mais objeto de estudo, sob diferentes prismas epistemológicos e em ciências diversas. Não é de se estranhar essa constatação, tendo em vista que essa prática tão recorrente da/na vida cotidiana merece contribuições científicas e olhares outros sobre suas potencialidades, anseios, demandas e importância socioeconômica e cultural.

Esta escrita que comporta um recorte da pesquisa em andamento, intitulada “Feira livre de Biritinga-Bahia: relações campo-cidade, experiências espaciais e práticas culturais”, versa sobre a feira livre como um elo espacial entre o campo e a cidade, e como os alimentos produzidos e comercializados na cidade por feirantes oriundas de contextos rurais revelam a

existência e a manutenção de diversas ruralidades. Contudo, intencionamos, por meio das narrativas das mulheres-rurais-feirantes, colaboradoras desta investigação, compreender, por meio da interpretação e análise de narrativas, os modos como concebem, produzem e comercializam os alimentos preparados em comunidades rurais e, também, analisar como a feira livre expressa as relações de imbricação existentes entre o rural e o urbano.

Algumas experiências e vivências que marcaram a trajetória de vida da feirante Arlete da Silva Batista Ribeiro compõem o enredo da sua narrativa, a qual potencializou a escrita deste texto, ao revelar modos de ser e estar no mundo sob a condição de mulher-rural-feirante que se utiliza das aprendizagens adquiridas no devir da sua existência para organizar e (re)construir semanalmente seus acervos de vendas para atender às demandas da sua clientela, na feira livre de Biringa.

Ao narrar as suas histórias, Arlete compartilha memórias que retratam a dinâmica do labor de uma feirante na cidade, a qual visualiza na feira livre diversas possibilidades de sociabilidades, das partilhas que lhe garantem renda e, principalmente, da reexistência de saberes e fazeres construídos ao longo das suas experiências de vida.

REFERÊNCIAS

ALVES, F. D. Geografia, cultura e ruralidade. *In*: PIMENTA, C. A. M. (org.). **Outros desenvolvimentos**: em destaque a cultura, relações de forças e disputas. Taubaté: UNITAU, 2023, v. 1, p. 90-103.

ALVES, J. Feiras e mercado interno na História Contemporânea. *In*: **ENCONTRO DE HISTÓRIA**, 3., 2005., Vila do Conde. **Actas** [...]. Vila do Conde: Câmara Municipal de Vila do Conde, 2005. Disponível em: <http://repositoriooberto.up.pt/bitstream/10216/50398/2/jorgealvesfeiras000116245.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2021.

ARFUCH, L. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.

BARTHES, R. *The Semiotic Challenge*. Oxford: Brasil Blacwell, 1993.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano 1**: artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

CORRÊA, R. L. **Trajelórias geográficas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertand, 2001.

DANTAS, G. P. G. **Feira de Macaíba/RN**: um estudo das modificações na dinâmica socioespacial (1960/2006). 2007. Dissertação (Mestrado em Dinâmica e Reestruturação do Território) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007. Disponível em:



<http://docplayer.com.br/6515511-Feira-de-macaiba-rn-um-estudo-das-modificacoes-na-dinamica-socioespacial-1960-2006.ht>. Acesso em: 20 set. 2023.

FERREIRA, J. G. **“Vem freguês!”**: lugares, contextos e relações identitárias na feira livre de Santo Amaro – Recôncavo Baiano. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos Territoriais) – Departamento de Ciências Exatas e da Terra, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2021.

GONÇALVES, A. O.; ABDALA, M. C. “Na banca do ‘seu’ Pedro é tudo mais gostoso”: personalidade e sociabilidade na feira-livre. **Ponto.Urbe**, São Paulo, v. 2, p. 1-18, 2013.

LIMA, E. D. **A feira livre na mediação campo-cidade**. 2012. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2012.

LIMA, A. E. F.; SAMPAIO, J. L. F. Aspectos da formação espacial da feira-livre de Abaiara-Ceará: relações e trocas. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 19., 2009, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: IESP: UFG, 2009. p. 1-19.

MAIA, D. S. **Tempos lentos na cidade**: permanências e transformações dos Costumes Rurais em João Pessoa – PB. 2000. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

MASCARENHAS, G.; DOLZANI, M. C. S. Feira livre: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea. **Ateliê Geográfico**, Goiana, v. 2, n. 2, p. 72-87, ago. 2008.

MENEZES, S. de S. M. Feiras em Sergipe: domínio da cultura e comercialização em multiplicidades de tempos. *In*: MENEZES, S. de S. M.; ALMEIDA, M. G. de (org.). **Vamos às feiras!** Cultura e ressignificação dos circuitos curtos. Aracaju: Editora Criação, 2021. p. 59-96.

MENEZES, S. de S. M.; SANTOS, L. M.; CRUZ, T. S. da. A tradição da produção e comercialização de comidas típicas nas feiras semanais dos municípios de Aracaju, Itabaiana e Nossa Senhora da Glória. *In*: MENEZES, S. de S. M. (org.). **O que é que o Nordeste tem?** Tem feiras e festas tem! Práticas e manifestações culturais em Sergipe, Alagoas e Bahia. São Cristóvão: Editora UFS, 2019. v. 1, p. 86-94.

OLIVEIRA, A. U. de. **Modo de produção capitalista, agricultura e reforma agrária**. São Paulo: FFLCH/Labur Edições, 2007.

PORTUGAL, J. F. **“Quem é da roça é formiga!”**: histórias de vida, itinerâncias formativas e profissionais de professores de Geografia de escolas rurais. 2013. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) – Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2013.

PORTUGAL, J. F.; RIBEIRO, J. M. S.; OLIVEIRA, S. S. de. Geo(foto)grafias de uma pequena cidade: diversas ruralidades ou ruralidades habitadas? **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 191-212, 2023. DOI: 10.5216/ag.v17i1.73458. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/atelie/article/view/73458>. Acesso em: 22 nov. 2023.



PREISS, P. V.; SCHNEIDER, S. Mercados e segurança alimentar e nutricional. *In*: PREISS, P. V.; SCHNEIDER, S.; COELHO-DE-SOUZA, G. (org.). **Contribuição brasileira à segurança alimentar e nutricional**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2020. p. 171-190.

QUEIROZ, G. A.; MENEZES, S. S. M. Feira livre: tem alimento fresco, tem, mas tem comida também. *In*: MENEZES, S. S. M.; DEUS, J. A. S.; CHELOTTI, M. C.; CALDAS, A. S. (org.). **Geografia dos Alimentos: territorialidades, identidades e valorização dos saberes e fazeres**. Aracaju: Criação, 2021, v. 1, p. 65-78.